

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**BEM-ESTAR PESSOAL E FELICIDADE SUBJETIVA NOS JOVENS EM
ACOLHIMENTO RESIDENCIAL EM PORTUGAL**

Sílvia Laurinda Miranda Azevedo

Junho de 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, na área de especialização de Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

O presente estudo foi desenvolvido em articulação com uma investigação mais abrangente no âmbito do Doutoramento em Psicologia de Sónia Pires de Lima Rodrigues, intitulado “A Qualidade do Acolhimento Residencial em Portugal: Avaliação da adequação dos serviços às necessidades das crianças e jovens institucionalizados”. A referida investigação está a ser conduzida no contexto no Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção (GIIAA) da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob orientação da Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne e coorientação do Professor Jorge Fernandez Del Valle da Universidade de Oviedo. Este estudo beneficiou de protocolos que facilitaram e promoveram a sua implementação, nomeadamente entre a FPCEUP, as entidades de tutela e as responsáveis pelas instituições de acolhimento residencial.

Com o intuito de divulgar resultados preliminares desta investigação junto da comunidade científica, esta dissertação apresenta-se em formato de artigo científico. A futura publicação deste artigo numa revista internacional, com revisão por pares, beneficiará da coautoria de Sónia Rodrigues, Maria Barbosa-Ducharne e Jorge Fernandez Del Valle.

Agradecimentos

À minha família, em especial, pais, irmão e avós, pelos bons momentos, pelo apoio nas alturas mais difíceis e por sempre acreditarem nas minhas capacidades desde criança. Com vocês tudo se tornou mais fácil!

Aos meus amigos, companheiros de todas as horas, que me fazem sorrir e acreditar no sentido da vida. Em especial ao Carlos que me descobriu para a Psicologia e impulsionou em mim o gosto por esta ciência e, à Sílvia, Carla e Marlene pelo caminho que percorremos e continuaremos a percorrer juntas.

À minha orientadora, Professora Doutora Adelina Barbosa pelo seu apoio, dedicação e motivação nos momentos difíceis

À Sónia Rodrigues, Joana Campos e restantes colegas do GIAA pela paixão e dedicação que colocam neste projeto que procura uma vida mais sorridente para as crianças e jovens em acolhimento e, pelos momentos de cumplicidade, partilha e sorrisos que vivemos juntas.

A todas as crianças e jovens em Acolhimento Residencial em Portugal, em especial aos meus meninos e meninas da Casa de Acolhimento Paula Azevedo, pelo carinho, afeto, abraços e beijinhos que me fazem amar a profissão que escolhi. Obrigada a todos e a cada um!

Resumo

As crianças e jovens em Acolhimento Residencial (AR) são frequentemente identificados como sendo um grupo de risco no que respeita à manifestação de problemas emocionais, comportamentais e sociais. Contudo, existe pouca evidência científica relativamente ao seu bem-estar e felicidade subjetiva. Neste estudo pretende-se avaliar o bem-estar pessoal e a felicidade subjetiva num grupo de jovens acolhidos, juntamente com a perceção de Qualidade do contexto de AR e explorar a relação entre estas variáveis. Participaram neste estudo 61 jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos, que vivem em cinco equipamentos de AR. O bem-estar dos jovens foi avaliado através do *Índice de Bem-estar Pessoal* (IBP), e a felicidade foi avaliada através da *Escala de Felicidade Subjetiva* (EFS). A perceção de qualidade do AR foi aferida através da *Entrevista ARQUA-P para jovens maiores de 12 anos* que faz parte do *Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português* (ARQUA-P). Os resultados indicam níveis médios positivos de bem-estar e felicidade nos jovens em AR, sendo estes níveis muito próximos dos apresentados pela população normativa. Os jovens do sexo masculino relataram níveis superiores de bem-estar e de felicidade comparativamente com o sexo feminino. As perceções dos jovens, relativamente às dimensões de qualidade do contexto de AR mostraram-se positivas. Verificou-se que os jovens acolhidos em casas de acolhimento de pequena dimensão, e os jovens do sexo masculino avaliaram melhor o contexto de AR que os jovens acolhidos em casas de acolhimento de média/grande dimensão, e de sexo feminino. O bem-estar e a felicidade destes jovens correlaciona-se positiva e significativamente com algumas dimensões de avaliação da qualidade de AR. Estes resultados reforçam a necessidade de intervir na promoção da qualidade dos cuidados prestados às crianças e jovens em AR, e permitem retirar implicações para a investigação em contexto de AR.

Palavras-chave: bem-estar pessoal, felicidade subjetiva, jovens em AR, Qualidade de AR

Abstract

Children and young people in Residential Care (RC) are frequently considered at risk of emotional, behavioural and social problems. However, there is little evidence regarding personal well-being and subjective happiness in this population. This study aims to assess the personal well-being and subjective happiness of youngsters in residential care, their perception of the RC centre's quality and to explore the relationships between these variables. Sixty-one youngsters aged 12 to 20 participated in this study. Personal well-being was assessed using the *Personal Well-being Index* (PWI) and subjective happiness was assessed using the *Happiness Subjective Scale* (HSS). The quality of the RC centre was assessed with the *ARQUA-P Interview for Adolescents and Young People 12 Years or older*, which is part of the *Portuguese Comprehensive Evaluation System for Residential Care* (ARQUA-P). The results indicate positive average levels of well-being and happiness in young people in RC, which are very close to the levels presented by normative population. Males report higher levels of well-being and happiness when compared to females. RC quality evaluations are overall positive. Youngsters in small sized facilities, as well as males assessed RC centres' quality more highly than those who live in average or large sized institutions and females. The well-being and happiness of youngsters in care is significantly correlated to some dimensions of RC quality, but not with all. These results highlight the need for intervention in promoting the quality of residential care and allow for some implications for future research in the residential care field.

Keywords: personal well-being, subjective happiness, young people in RC, quality of RC.

Abreviaturas

AFR – Apoio à Família para a Reunificação

AR – Acolhimento Residencial

ARQUA-P – Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português

BEP – Bem-Estar Pessoal

BES – Bem-Estar Subjetivo

CA - Casa de Acolhimento

CE – Consequências Educativas

DA – Desenvolvimento e Autonomia

EF – Estudos e Formação

EFS – Escala de Felicidade Subjetiva

EQUAR – *Standards* de Qualidade do Acolhimento Residencial

ERA – Encaminhamento e Receção

FS - Felicidade Subjetiva

IBP- Índice de Bem-estar Pessoal

ISS, I.P. – Instituto da Segurança Social, Instituto Público

L – Localização, Infraestrutura e Recursos

NBM – Necessidades Básicas e Materiais

NI – Normalização e Integração

P – Participação

QT – Qualidade Total

RD – Respeito pelos Direitos

SEV – Saúde e Estilos de Vida

SP – Segurança e Proteção

O Acolhimento Residencial (AR) de crianças/jovens está definido na lei como uma das medidas extrafamiliares de promoção e proteção dos direitos da criança (art.º 35 Lei de Proteção a Crianças e Jovens em Perigo nº 142/2015). Em Portugal, esta medida representa atualmente ainda a esmagadora maioria das respostas de colocação em acolhimento (94%) e prolonga-se muito tempo na vida das crianças acolhidas (tempos médios de permanência em AR superiores a dois anos). (ISS,IP, 2015).

Segundo o Relatório CASA relativo ao ano de 2014 (ISS,IP, 2015), encontravam-se em AR 8.025 crianças/jovens, com maior incidência na faixa etária dos 15 aos 17 (35,1%) e no sexo masculino (51,9%). A quantidade de crianças/jovens em AR em Portugal continua a ser muito elevada, sobretudo, quando se comparam estes números com o total de crianças existentes no país (1/250).

O AR tem lugar em Casa de Acolhimento (CA) e obedece a modelos de intervenção socioeducativos adequados às crianças/jovens acolhidos (art.º 50 LPCJP nº 142/2015). Esta medida deverá ser de carácter transitório e realizada com um acompanhamento constante à família da criança/jovem para que se garanta a preservação do sistema familiar, através do fortalecimento das práticas parentais, sempre que o projeto de vida seja a reunificação familiar (Simões, 2011).

Qualidade em AR

Já é consensual que o AR de qualidade deverá proporcionar às crianças/jovens um ambiente familiar, estruturado, protetor, procurando práticas adequadas, individualizadas e terapêuticas, de modo a proporcionar o desenvolvimento pessoal de cada um (Anglin, 2004; Calheiros, Lopes & Patrício, 2011; Clough, Bullock, & Ward, 2006; Del Valle & Zurita, 2000; Johnson, Browne & Hamilton-Giachritsis, 2006). Assim, os profissionais que trabalham em AR devem entender as necessidades individuais, gostos particulares, experiências passadas, origem social, étnica, cultural e religiosa, contexto e vivência familiar, o estado de saúde, o desempenho escolar e as relações privilegiadas que interessam preservar das crianças/jovens que vivem nas CA (Simões, 2011; Southwell, & Fraser, 2010).

Desta forma, os serviços nas CA devem ter um carácter permanente, 24h por dia, e ser prestados por profissionais qualificados e consciencializados relativamente à individualidade das crianças, que se assumam como adultos de referência capazes de estimular a criação de relações de confiança (Carvalho & Manita, 2010; Mota & Matos,

2010) e transparência com as crianças (Anglin, 2004; Bravo & Del Valle, 2001, 2009; Del Valle, Bravo, Hernández, & Santos, 2012; Southwell, & Fraser, 2010). As crianças/jovens em AR devem, ainda, poder estar inseridas na comunidade, usufruindo de uma rotina diária normalizada, (Del Valle, & Casas, 2002) e de uma relação afetiva do tipo familiar (art.º 53 LPCJP nº 142/2015).

Um contexto de AR de qualidade é definido através da adequação das características da CA às necessidades das crianças acolhidas (Rodrigues, Barbosa-Ducharne & Del Valle, 2013). Nesta perspetiva, qualidade de AR constitui um constructo complexo e multidimensional, que exige a tomada em consideração de diferentes perspetivas e uma avaliação por diversas fontes, assumindo a voz das crianças como a principal referência na aferição da qualidade de uma resposta de AR (Calheiros, Lopes, & Patrício, 2011; Rodrigues, Barbosa-Ducharne & Del Valle, 2013, 2014).

Proporcionar um acolhimento de qualidade pressupõe dar importância à voz das crianças/jovens acolhidos, para que a intervenção respeite, nomeadamente, o seu direito à participação (Del Valle & Zurita, 1996). A criança/jovem tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração (art.º 12 Convenção sobre os Direitos da Criança, 1990). O AR de qualidade procura ouvir a criança/jovem e reunir todas as condições para o seu desenvolvimento harmonioso (Ainsworth, & Hansen, 2005; Delap, 2011; Van IJzendoorn et al., 2011) e reconhece que o crescimento num clima de felicidade, amor e compreensão contribui para esse efeito.

Numa perspetiva de maior qualidade, as CA devem ser de pequena dimensão para que se aproximem de um modelo de tipo familiar ou especializado, e respeitar os *standards* definidos como indicadores de qualidade orientadores da intervenção profissional em AR. Estes *standards* consideram como princípios fundamentais o respeito pelos direitos da criança e pela sua individualidade, a cobertura das necessidades básicas, a promoção da educação, saúde, normalização e integração social, a promoção da autonomia e independência, a promoção da segurança e proteção e a promoção do apoio às famílias (Del Valle et al., 2012).

O Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português – ARQUA-P (Rodrigues, Barbosa-Ducharne & Del Valle, 2015) propõe uma metodologia de avaliação do contexto de AR, segundo uma perspetiva ecológica (Del Valle, 1997). Tendo por referência os *standards* atuais de qualidade do AR (Del Valle et al., 2012), o ARQUA-P permite a avaliação de diferentes dimensões (cf. Quadro 1) do contexto de AR,

convertendo os indicadores de qualidade, baseados em *standards* de qualidade internacionais recentes (Del Valle et al., 2012), em critérios específicos de avaliação dos contextos, operacionalizados em itens, respondidos numa escala tipo Lickert de 5 pontos. De salientar que o nível mais elevado da escala (5) se refere a condições ideais de funcionamento do AR e, por isso mesmo, deve ser interpretado como critério absoluto de excelência a atingir.

Assim, baseando-se numa metodologia ecológica (Bronfenbrenner, 2001), o ARQUA-P é um sistema de avaliação compreensiva do contexto de acolhimento, que tem em conta as perspetivas de todos os seus intervenientes – crianças/jovens, cuidadores, diretores e técnicos de articulação da entidade tutelar (Bravo & Del Valle, 2009; Rodrigues, Del Valle & Barbosa-Ducharne, 2015).

Nesta perspetiva, uma avaliação do AR, nas suas diversas dimensões torna-se importante para a determinação de qualidade das CA e pode ajudar a compreender o impacto da vivência de institucionalização no percurso desenvolvimental das crianças/jovens acolhidos, uma vez que as experiências vividas em AR serão determinantes do seu bem-estar e felicidade.

Bem-Estar Subjetivo

Ao longo de várias décadas a Psicologia preocupava-se apenas com o lado negativo da saúde mental. Porém, com a viragem do foco da investigação para a dimensão positiva da saúde mental, o Bem-Estar Subjetivo (BES) assume-se como o conceito chave de um campo de investigação emergente designado de Psicologia Positiva (Barros, 2010; Galinha & Pais-Ribeiro, 2005), onde o enfoque passa a ser nos aspetos positivos do sujeito e não nos sintomas de doença.

O BES é uma dimensão positiva da saúde. É considerado, simultaneamente, um conceito complexo e multidimensional, uma vez que integra uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva/emocional. Sendo um conceito recente, tem suscitado, nas últimas décadas, o interesse generalizado de muitas vertentes da Psicologia e tem vindo a reforçar a sua identidade à medida que os estudos vão confirmando a sua estrutura e sistema de conceitos associados (Barros, 2010; Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). O BES está focado na felicidade e inclui as respostas emocionais dos indivíduos, a satisfação com os domínios da vida, e julgamentos globais de satisfação com a vida (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999; Poletto & Koller, 2011).

A investigação sobre o BES revela que o bem-estar envolve não apenas as pessoas evitarem o mal-estar mas também procurarem a felicidade. Deste modo, o conceito de bem-estar permitiu construir medidas que possibilitam uma avaliação mais fina dos indicadores da saúde mental, através de variáveis como a Satisfação com a Vida, a Felicidade, o Afeto Positivo e o Afeto Negativo (Lucas, Diener, & Suh, 1996). Sirgy (2002) define o BES como um estado afetivo duradouro que é composto por três componentes: a avaliação da satisfação com a vida global, a experiência acumulada de afeto positivo em domínios da vida salientes e a experiência acumulada de afeto negativo. Este constructo é, no entanto, diferente do bem-estar psicológico. Deste modo, segundo Novo (2003) o BES forma um campo de estudo e integra as dimensões de afeto (componente emocional) e satisfação com a vida (componente cognitiva), enquanto o bem-estar psicológico constitui um campo de estudo que integra os conceitos de autoaceitação, autonomia, controlo sobre o meio, relações positivas, propósito na vida e desenvolvimento pessoal.

O BES é assim um conceito de importância crescente num mundo democrático, em que se espera que as pessoas vivam as suas vidas de modo a que se sintam preenchidas e segundo os seus próprios critérios. Embora o humor dos indivíduos possa flutuar em função dos eventos de vida, as investigações sobre este constructo estão interessadas no humor ao longo do tempo e não apenas em emoções passageiras (Diener, Suh, & Oishi, 1997).

Felicidade Subjetiva

A felicidade é um conceito do senso comum utilizado na linguagem do dia-a-dia (Pais Ribeiro, 2012). É um fator preponderante na vida das pessoas pois está associada, afeta e é afetada, por inúmeras variáveis, relacionadas com todas as valências da vida do sujeito.

A literatura considera a felicidade subjetiva (FS) como indicador de BES (Barros, 2010; Diener, 2006; Lyubomirsky & Lepper 1999). É vista como um fator integrador do indivíduo, ou seja, que é fundamental para a sua vida e que determina a adaptação ao meio em que vive, sendo, por isso, importante conhecer não só os fatores que lhe são determinantes, mas também o impacto que este constructo tem a nível pessoal e social, de forma a identificar qual o conceito de felicidade que cada indivíduo possui.

De acordo com Seligman, Steen, Park e Peterson (2005), a felicidade pode ser entendida em três vias: no prazer, no compromisso e no significado. É através do prazer

que surge o aumento das emoções positivas, que por sua vez promovem a saúde mental e física, o bem-estar e a resiliência. A via do compromisso tem a ver com a procura da gratificação. Na via do significado os indivíduos usam as forças e competências ao serviço de algo maior que o próprio *self*, como a família, a comunidade, a política, a justiça ou uma força espiritual que transcenda o indivíduo, o conhecimento e a bondade.

Ryff (1989) define seis aspetos na felicidade e que são também apontados, normalmente, como indicadores de maturidade e equilíbrio psicológico: a autoaceitação, as relações positivas com os outros, a autonomia, o controlo do ambiente, o projeto de vida e o crescimento pessoal (numa perspetiva de atualização e desenvolvimento).

O conceito de felicidade evoluiu ao longo do tempo, sendo atualmente um estado subjetivo de difícil caracterização e um constructo individualizado e diferenciado, pois varia de indivíduo para indivíduo, podendo afirmar-se que cada pessoa é feliz ou infeliz à sua maneira. Os fatores que contribuem para a felicidade são diversos, não tendo o mesmo nível de importância em todos os sujeitos, uma vez que a forma como as pessoas entendem a felicidade é totalmente idiossincrática (Silva, 2013). A sua influência continua, no entanto, a ser inegável na vida das pessoas, tendo um impacto positivo ou negativo em todos os componentes da vida, afetando tanto a saúde física como mental.

O BES e a FS nos Jovens

Nos jovens o bem-estar tem sido perspetivado como um indicador da forma como vivem o dia-a-dia, focando as redes sociais, ambientes sociais e processo de individualização (Bourke & Geldens, 2007; Murphey, Bandy & Moore, 2012). Atualmente, os jovens precisam de se sentir motivados, perceber significado nas suas vidas e considerar-se como capazes e competentes, de forma a suprir as exigências do meio e se desenvolverem positivamente (Larson, 2000).

Bourke & Geldens (2007), procuraram explorar os diferentes significados de BES definidos por jovens australianos, destacando como aspetos fundamentais: a saúde, as relações sociais (relações boas e de suporte com familiares, amigos, professores), as dimensões psicológicas, como o modo como se sentem sobre si mesmos, e as dimensões pessoais, como a definição de objetivos ou o envolvimento em atividades. Os resultados deste estudo reforçam a natureza holística do bem-estar quando definido pelos jovens, dadas as várias dimensões por eles apresentadas como determinantes para o BES.

Dinisman, Montserrat & Casas (2012) procuraram perceber de que forma o BES poderia variar de acordo com diferentes condições de vida de jovens espanhóis. Os

resultados são consonantes com outros estudos que indicam que os jovens que vivem com as suas famílias estão mais satisfeitos com a vida em geral do que jovens que vivem em CA (e.g., Gilman e Barry, 2003), não se encontrando diferenças nos resultados em função do género. A estabilidade na vida do jovem surge como determinante do seu BES, uma vez que são as mudanças na vida (especialmente na família e do lugar onde vivem, incluindo transferências do local de acolhimento), o fator que mais impacto negativo tem sobre o BES.

Tendo em conta os resultados do estudo anterior, Llosada-Gitsau, Montserrat e Casas (2015) procuraram perceber, de forma mais aprofundada, qual o impacto da institucionalização no bem-estar do jovem, comparando o BES de jovens em AR com jovens da população em geral. Os dados foram recolhidos através do Índice de Bem-estar Pessoal e a Escala de Satisfação com a Vida, e os resultados indicaram que os jovens em AR obtiveram valores de BES significativamente inferiores aos jovens da população em geral, sendo que as raparigas em AR apresentam resultados mais negativos que os rapazes.

No que diz respeito à FS, a investigação considera-a como um fator preponderante na satisfação com a vida e indica que a família e os amigos são os grandes impulsionadores da felicidade, sobretudo quando avaliada pelos jovens (Uusitalo-Malmivaara & Lehto, 2013). As relações pessoais, as competências de autorregulação emocional, a autoeficácia e a capacidade de estabelecer e manter contactos sociais são correlatos da felicidade (Maurović, Križanić & Klasić, 2015)

Para os jovens a confiança e expectativas de futuro positivas, bem como as relações pessoais, seguras e estáveis associam-se à felicidade e segundo Sariçam (2015), a esperança pode ser constituir uma das dimensões essenciais para compreender a FS nos jovens.

Maurović e colaboradores (2015) investigaram sobre os principais fatores associados à Felicidade nos jovens em AR, recorrendo à Escala de Felicidade Subjetiva e um questionário sobre fatores de proteção dos jovens em AR, relativos a características individuais, da família, dos amigos e dos profissionais que trabalham na CA. Os resultados indicam que a distribuição da variável felicidade, nestes jovens, não difere dos valores normais apresentados pela população geral e que os fatores de proteção se correlacionam significativamente com a felicidade percebida pelo jovem. Jovens em AR apresentaram altos níveis de FS, apesar dos riscos a que estão expostos, dada a presença simultânea de fatores de proteção correlacionados positivamente com a felicidade.

Na literatura encontram-se indiferentemente os termos BES (bem-estar subjetivo) ou BEP (bem-estar pessoal) para descrever o bem-estar avaliado pelo próprio sujeito. As referências realizadas até agora respeitam a opção de cada autor, contudo a terminologia utilizada neste estudo empírico para definir o bem-estar será BEP, uma vez que o instrumento de avaliação utilizado assim designa o constructo em estudo. Sublinha-se, contudo, a proximidade concetual entre BES e BEP.

A avaliação do BEP e da FS em jovens em AR torna-se um importante indicador de qualidade pois, além de ser uma forma de ouvir os jovens e dar voz às suas inquietações e desejos, ajuda também a perceber o quão bem e felizes estes se sentem na casa, para que se possa caminhar no sentido de criar ambientes mais estáveis e propícios ao seu desenvolvimento e bem-estar integral (Delap, 2011). Contudo, este tema carece de mais investigação, particularmente em Portugal, onde a escassez de estudos em ambiente de AR é ainda mais evidente. Apenas os estudos com resultados preliminares da investigação mais abrangente em que o presente estudo também se integra, de Iglésias (2013) e Rodrigues (2015), se debruçam sobre a componente cognitiva do BES, a Satisfação Com a Vida (SCV) nos jovens em AR em Portugal.

O presente estudo pretende alargar a exploração dos resultados obtidos no estudo-piloto da referida investigação de abrangência nacional sobre a qualidade do sistema de AR português aos conceitos de BEP e de FS. Por conseguinte, objetivo essencial é explorar as relações existentes entre a avaliação que jovens portugueses em AR fazem do contexto que os acolhe e o seu BEP e FS. Neste estudo, a avaliação de qualidade do contexto de AR procede da perceção que os jovens têm acerca da adequação às suas necessidades dos recursos e serviços que lhe são disponibilizados na CA onde vivem, em função das 12 dimensões da qualidade do sistema ARQUA-P (Rodrigues et al., 2015).

1. Método

1.1. Participantes

No presente estudo, participaram 61 jovens, 22 (36.1%) do sexo feminino e 39 (63.9%) do sexo masculino, com idade média de 15.74 anos ($DP = 1.92$), variando entre os 12 e os 20 anos.

Estes jovens viviam em cinco CA e a quase totalidade dos participantes (96.7%) encontrava-se acolhida em CA segregadas relativamente ao género (34.4% (n= 21) feminino e 62.3% (n= 38) masculino) e apenas 3.3% (n = 2) cresciam num contexto misto.

Relativamente à dimensão dos equipamentos considera-se a existência de casas pequenas (≤ 12), médias (> 12 até 24) e grandes (≥ 25). Assim sendo, 16 (26.2%) jovens estão acolhidos numa CA pequena, 23 (37.7%) numa CA média e 22 (36.1%) numa CA grande, ou seja, 73,8% dos participantes estão numa CA com 13 ou mais jovens (média/grande). A utilização do teste do Qui-Quadrado permitiu perceber que existe uma associação significativa entre o sexo dos participantes e a dimensão das casas, $\chi^2_{(2)} = 56.85$, $p < .001$. Sendo que a maioria dos rapazes está em casas de pequena ou grande dimensão (38), e todas as raparigas se encontram numa casa de média dimensão (22).

O tempo do acolhimento médio é cerca de dois anos e meio ($M = 29.57$ meses; $DP = 26.43$) tendo variado entre 2 e 108 meses/9anos, sendo que na sua grande maioria, os jovens (70.49%) estão acolhidos há mais de um ano. A idade em que ocorreu o acolhimento varia entre os 58 e os 214 meses ($M = 163.9$ meses; $DP = 28.58$), ou seja entre os 4 e os 17 anos ($M = 13.23$; $DP = 2.38$).

O principal motivo que levou à medida de acolhimento foi a negligência parental, 29 crianças (47.5%), e os comportamentos desviantes por parte dos pais, 26 crianças (42.6%). Os maus tratos sofridos são referidos como a causa do AR para 7 crianças (11.5%) e, na mesma percentagem, o absentismo escolar (11.5%). O abandono por parte da família em 4 crianças (6.6%), a violência doméstica em 3 crianças (4.9%). Para 2 crianças (3.3%) aparecem o abuso sexual e a inadaptação à família adotiva. Como menos referidos (1.6%) surgem os problemas de comportamento, a rutura familiar, da adoção ou de um acolhimento anterior. Cada jovem pode apresentar mais do que um dos motivos descritos anteriormente.

A percentagem de jovens que, no momento da recolha de dados, beneficiavam de algum tipo de apoio é de 60.7%. Destes, 41% têm acompanhamento psicológico, 19.7% apoio em pedopsiquiatria e 1.6% em neurologia.

1.2. Instrumentos e Medidas

Os dados foram recolhidos através do *Índice de Bem-estar Pessoal* (IBP; Cummins & Nistico, 2002, versão portuguesa de Pais-Ribeiro & Cummins, 2008), da *Escala de*

Felicidade Subjetiva (EFS; Lyubomirsky & Lepper, 1999, versão portuguesa de Pais-Ribeiro, 2012) e dois instrumentos do *Sistema de Avaliação Compreensiva do Acolhimento Residencial Português* (ARQUA-P), especificamente a *Entrevista ARQUA-P para jovens maiores de 12 anos de idade e o Pedido de Informação Prévia* (Rodrigues et al., 2015).

O IBP é um questionário de autorresposta que avalia o bem-estar a partir da resposta a nove itens, organizados em duas partes. O primeiro item avalia a satisfação com a vida em geral. Os restantes oito itens constituem a segunda parte e procuram aferir a satisfação com domínios específicos da vida. Todos os itens são respondidos numa escala tipo Likert de 0 a 10, em que 0 significa "totalmente insatisfeito" e 10 significa "totalmente satisfeito". O instrumento é cotado numa escala de 0 a 100.

O estudo de Pais-Ribeiro e Cummins (2008) numa amostra com indivíduos portugueses obteve resultados em termos de qualidades psicométricas semelhantes aos de outros países, nomeadamente à escala original, e valores elevados de consistência interna (*alfa de Cronbach* de 0.81 para os sete itens/domínios). A média da distribuição de BEP obtida para a população de referência foi 70.85 ($DP = 11.83$) (Pais-Ribeiro, comunicação pessoal do autor, 2016). No presente estudo o IBP obteve valor de consistência interna de $\alpha=0.82$.

A EFS avalia a FS global. A escala é constituída por quatro afirmações, nas quais, em duas se pede ao sujeito que se caracterize a si próprio por comparação aos outros, e nas outras são apresentadas descrições de felicidade e infelicidade. Estas afirmações são respondidas numa escala tipo Likert, de 1 até 7 pontos, e o seu resultado é obtido através de uma média.

Pais-Ribeiro (2012) reporta que a EFS numa amostra com 516 indivíduos portugueses apresentou boas condições psicométricas e propriedades semelhantes à escala original, com uma média de 5.12 ($DP=1.02$) e um bom valor de consistência interna (*alfa de Cronbach* de 0.76). No presente estudo a EFS obteve o valor de consistência interna $\alpha=0.80$.

O ARQUA-P (Rodrigues et al., 2015) é a versão portuguesa do ARQUA (Del Valle, 1992) adaptado à realidade nacional e atualizada de acordo com recentes *standards* de qualidade internacionais (Del Valle et al., 2012). É um sistema de avaliação do processo, ou seja, do modo de funcionamento das CA num determinado momento, baseado numa metodologia de avaliação ecológica (Del Valle, 2009). Integra oito instrumentos que permitem a avaliação de todo o contexto de AR, reforçando a participação de todos os intervenientes, uma vez que inclui diferentes entrevistas que permitem a recolha de

informação junto de todas as partes inseridas no contexto AR. Dos oito instrumentos que constituem o ARQUA-P, neste estudo apenas se reportam dados recolhidos através da Entrevista ARQUA-P para jovens maiores de 12 anos e do Pedido de Informação Prévia.

A Entrevista ARQUA-P para jovens maiores de 12 anos consiste numa entrevista estruturada que permite avaliar 12 dimensões compreensivas do contexto de AR a seguir discriminadas (entre parêntesis indicam-se os valores de *alfa de Cronbach* indicadores de consistência interna obtidos neste estudo): Localização, Infraestrutura e Equipamento (LIE) ($\alpha = .78$); Encaminhamento, Receção/Admissão (ERA) ($\alpha = .32$); Apoio às Famílias para a Reunificação (AFR) ($\alpha = .76$.); Segurança e Proteção (SP) ($\alpha = .91$); Respeito pelos Direitos (RD) ($\alpha = .81$); Necessidades Básicas Materiais (NBM) ($\alpha = .80$); Estudos e Formação (EF) ($\alpha = .76$); Saúde e Estilos de Vida (SEV) ($\alpha = .68$); Normalização e Integração (NI) ($\alpha = .82$); Desenvolvimento e Autonomia (DA) ($\alpha = .07$); Participação (P) ($\alpha = .68$); Consequências Educativas (CE) ($\alpha = .73$). A Entrevista ARQUA-P para jovens maiores de 12 anos obteve valores elevados de consistência interna ($\alpha = .93$). Neste estudo, segundo a recomendação de Devellis (1991, cit in Almeida e Freire, 2007) foram considerados aceitáveis os valores de *alfas de Cronbach* iguais ou superiores a 0.60, só tendo sido usadas nas análises as dimensões que cumpriam este critério. Foram assim excluídas de todas as análises que serão apresentadas, as dimensões ERA e DA. O número de itens em cada dimensão é variável. Cada item é respondido numa escala tipo Likert de 5 pontos em que 1 significa “Nada”; 2, “Pouco”; 3, “Regular”; 4, “Bastante”; 5, “Muito”, constando também as opções “Não se aplica” e “Não sei”.

O *Pedido de Informação Prévia* permite recolher os dados sociodemográficos de cada jovem acolhido bem como as características da casa de acolhimento. Este documento é preenchido pela CA previamente à recolha de dados e é disponibilizado à equipa de investigação via e-mail, facilitando a preparação da visita de avaliação.

1.3. Procedimentos

Os procedimentos metodológicos utilizados no presente estudo respeitam todos os princípios deontológicos e éticos impostos à investigação, tendo obtido parecer positivo do Comité de Ética da FPCEUP.

A participação no estudo foi solicitada junto das Direções das CA, comunicando os seus objetivos. A disponibilidade para participar no estudo piloto bem como a autorização

para a entrada e permanência dos investigadores em cada CA foram expressas através da assinatura da Declaração de Consentimento Informado. Foram dadas garantias de confidencialidade dos dados e de anonimato dos informantes às CA e a todos os participantes individualmente.

Os objetivos do estudo foram explicados a todos os intervenientes e foi-lhes atribuído um código de correspondência, não constando nos questionários ou nas bases de dados qualquer informação da identificação pessoal do participante.

Os dados foram recolhidos em cinco CA. A equipa de investigação responsável pela recolha dos dados foi constituída por 5 investigadoras com formação específica na área. Os procedimentos de recolha de dados seguem o protocolo do ARQUA-P. Procedeu-se à administração individual da entrevista ARQUA-P dirigida aos jovens com mais de 12 anos e em seguida, os questionários de autorrelato foram aplicados de forma coletiva, nomeadamente o IBP e a EFS.

Os dados assim recolhidos foram analisados no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21.0 para o *windows*.

Os procedimentos estatísticos utilizados incluem análises de estatística descritiva e procedimentos de comparação de médias através do teste *t de Student* para amostras independentes, de análise de variâncias (One-Way ANOVA e MANOVA para controlo de possíveis interações existentes entre variáveis). Além disso, foram realizadas análises de *correlações bivariadas de Pearson* de modo a compreender as associações entre as variáveis. Previamente à opção pelos procedimentos estatísticos a aplicar, foi aferida a normalidade da distribuição de variáveis e a homogeneidade de variâncias. Considerou-se os itens que apresentavam distribuição de valores entre o mínimo e o máximo da escala, com valores absolutos de assimetria e curtose inferiores a 3 e 10, respetivamente (Kline, 2005). Assim, os resultados apresentados foram tratados com recurso a testes paramétricos, dado que, segundo Martins (2011), estes são mais robustos.

2. Resultados

Nesta secção serão apresentados os resultados das análises conduzidas sobre os dados recolhidos através do IBP, EFS, PIP e Entrevista ARQUA-P para jovens com mais de 12 anos.

2.1. BEP nos jovens em AR

Na análise dos dados relativamente aos resultados obtidos com o IBP, o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov apresentou uma distribuição normal a uma significância de .20. No IBP os participantes obtiveram uma pontuação média de 68.69 ($DP = 16.39$), variando entre 33 e 100 de score total.

Procedeu-se à comparação da média obtida no presente estudo com a média do estudo de Pais-Ribeiro & Cummins (2008) com recurso ao teste *t de Student* para uma amostra e à dimensão do efeito, através do *d de Cohen* (1988). Verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos resultados obtidos por Pais-Ribeiro & Cummins (2008) numa amostra de indivíduos portugueses, demonstrando que os jovens acolhidos em AR revelam níveis de bem-estar semelhantes aos jovens da população geral, $t(58) = -1.01, p = .315$, IC a 95% [-6.43; 2.11], $d = 0.15$.

Comparando os valores médios do índice de BEP, deste estudo, entre rapazes e raparigas, verificou-se que os relatos de bem-estar são superiores nos participantes do sexo masculino ($M = 75.32; DP = 16.33$), do que no sexo feminino ($M = 57.54; DP = 8.81$) sendo as diferenças estatisticamente significativas $t(56.61) = -5.42, p < .001$, IC a 95% [-24.33; -11.21], $d = 1.37$.

Relativamente à dimensão das casas (pequena, média ou grande), encontram-se diferenças estatisticamente significativas ($F(2,56) = 15.87, p < .001$). Sendo que através do teste Post Hoc Scheffe se verificou que os jovens acolhidos em casas de pequena dimensão obtiveram melhores níveis de bem-estar ($M = 79.05; DP = 14.20$) do que os jovens acolhidos em casas de média dimensão ($M = 56.64; DP = 9.64$), sendo estas diferenças estatisticamente significativas, $p < .001, d = 1.85$. Também se verificaram melhores níveis de bem-estar entre os jovens acolhidos em casas de grande dimensão ($M = 74.70; DP = 15.86$) do que nos jovens acolhidos em casas de média dimensão ($M = 56.64; DP = 9.64$), sendo estas diferenças estatisticamente significativas, $p < .001, d = 1.38$. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os jovens acolhidos em casas de pequena e de grande dimensão, $p = .636$.

O BEP não se correlaciona nem com a idade ($r = .20, p = .126, n = 59$), nem com o tempo de acolhimento ($r = .18, p = .173, n = 59$).

2.2. FS nos jovens em AR

Na análise dos dados relativamente aos resultados obtidos com a EFS, o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov apresentou uma distribuição normal a uma significância de .20. Na EFS os participantes obtiveram um valor médio de 4.92 ($DP = 1.28$).

Procedeu-se à comparação da média obtida no presente estudo com a média do estudo de Pais-Ribeiro (2012) com recurso ao teste *t de Student* para uma amostra e à dimensão do efeito, através do *d de Cohen* (1988). Verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos resultados obtidos por Pais-Ribeiro (2012) numa amostra de indivíduos portugueses, demonstrando que os jovens acolhidos em AR revelam níveis de felicidade semelhantes, $t(58) = -1.18$, $p = .243$, IC a 95% [-.530; .137], $d = .17$.

Verificaram-se diferenças significativas de FS associadas ao sexo, $t(57) = -4.86$, $p < 0.001$, IC a 95% [-2.00; -.834], com valores superiores nos rapazes ($M=5.45$; $DP = 1.07$), do que nas raparigas ($M=4.03$; $DP= 1.11$).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na FS dos jovens em função da dimensão da CA, $F(2,56) = 15.00$, $p < 0.001$. O teste Post Hoc Scheffe mostrou diferenças, $p < 0.001$, $d = 2.00$, entre jovens em casas pequenas ($M = 5.93$; $DP = 0.75$) e em casas médias ($M=4.05$; $DP= 1.09$) e entre estes e jovens acolhidos em casas grandes ($M = 5.19$; $DP = 1.16$), com $p < 0.001$, $d=2.00$. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os jovens acolhidos em casas de pequena e de grande dimensão, $p = .132$.

A FS não se correlaciona nem com a idade ($r=0.07$, $p=.587$, $n=59$), mas correlaciona-se com o tempo de acolhimento ($r = .31$, $p = .018$, $n = 59$).

2.3. Perceção dos jovens relativamente às dimensões de avaliação de qualidade do contexto de AR

A perceção dos jovens relativamente à qualidade do contexto de AR foi recolhida através do ARQUA-P. A tabela 1 apresenta os valores médios que os jovens atribuem às dimensões do AR, verificando-se uma avaliação globalmente positiva nas diferentes dimensões de avaliação da qualidade de AR. De facto, os valores obtidos para todas as

dimensões do AR encontram-se acima de 3.50, sendo as dimensões, AFR, RD, NBM, EF, SEV e CE as mais bem avaliadas e as dimensões LIE, SP, NI e P com valores ligeiramente mais baixos. A média da Qualidade Total (QT) é de 3.98, ($DP = .67$), variando entre 2.17 e 4.95.

Verificou-se que 24 jovens (39.3%) estão “contentes” com a casa onde estão acolhidos, 20 (32.8%) estão “mais ou menos contentes” e 15 (24.6%) jovens “não estão contentes” com o acolhimento.

Comparando as percepções de qualidade entre rapazes e raparigas, verificou-se que a percepção de qualidade é superior no sexo masculino ($M = 4.25$; $DP = 0.55$), do que no sexo feminino ($M = 3.44$; $DP = 0.55$) no que diz respeito à QT, sendo as diferenças estatisticamente significativas, $t(57) = -5.351$, $p < .001$, IC a 95% [-1.11; -.50], $d = 1.47$.

Realizou-se uma MANOVA para avaliar se o sexo tinha um efeito significativo sobre as variáveis relativas às diferentes dimensões de qualidade do contexto avaliadas através do ARQUA-P. Foram pesquisados os pressupostos da MANOVA, contudo, uma vez que o SPSS não produz testes à normalidade multivariada, este pressuposto foi validado através da normalidade univariada de cada uma das variáveis dependentes. O pressuposto da homogeneidade de variâncias foi validado através da análise do teste de Levene e da homogeneidade das covariâncias, através do teste M de Box.

A MANOVA revelou que o sexo tem um efeito significativo e de elevada dimensão sobre o as variáveis em estudo, Traço de Pillai = 0.54, $F(10, 37) = 4.34$, $p < .001$, $\eta^2 = 0.54$). Observada a significância multivariada no sexo, procedeu-se à ANOVA univariada para cada uma das variáveis dependentes, que se encontra descrita na Tabela 2. Verifica-se que todas as dimensões do ARQUA-P sofrem um efeito significativo em relação à variável sexo, exceto a dimensão SEV, em que as diferenças não são significativas, $F(10,37) = 2.30$, $p = .136$).

“Inserir tabela 2”

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na QT percebida pelos jovens, em função da dimensão da CA, $F(2,56) = 17.88$, $p < .001$. O teste Post Hoc Scheffe mostrou diferenças na avaliação de QT entre jovens em casas pequenas ($M=4.52$; $DP = .45$) e quer em casas médias ($M=3.48$; $DP = .57$), $p < .001$, $d=2.03$, como em casas grandes ($M =4.05$; $DP=.54$), $p = .030$, $d = 0.95$. Verificaram-se ainda diferenças estatisticamente significativas na QT percebida por jovens em casas grandes e médias, $p = .004$, $d = 1.03$.

A correlação entre o tempo de acolhimento e a percepção de QT na perspetiva dos jovens não é estatisticamente significativa ($r=.21$, $p=.107$, $n=59$).

2.4. Relação entre BEP, FS e a percepção dos jovens sobre a qualidade do contexto de AR

Neste estudo, verificou-se que uma correlação positiva, forte, estatisticamente significativa entre o BEP e a FS ($r = .67$, $p < .001$, $n = 59$), sugerindo que os jovens que reportam mais BEP, apresentam também níveis mais elevados de FS. Na mesma linha, a correlação entre a QT do contexto de AR percebida pelos jovens quer com o BEP ($r = .55$, $p < .001$, $n = 57$) quer com a FS ($r = .61$, $p < .001$, $n = 57$), é positiva, forte e estatisticamente significativa, evidenciando que os jovens que avaliam de modo mais elevado a qualidade do contexto de AR, também reportam níveis mais elevados de FS e de BEP.

A tabela 3 apresenta as correlações entre a FS e o BEP com as diferentes dimensões de qualidade do contexto de AR. Verificaram-se correlações positivas fortes e estatisticamente significativas entre o bem-estar e as dimensões SP, RD e NBM; correlações positivas moderadas e significativas com as dimensões LIE, AFR, NI, P e CE e correlações positivas fracas e significativas com as dimensões EF e ESV ou seja, os jovens que relatam maior BEP percebem mais positivamente estas dimensões de avaliação da qualidade do contexto de AR.

Já no estudo da relação entre a FS e as dimensões do contexto de AR, verificaram-se correlações positivas fortes e estatisticamente significativas entre a FS e as dimensões LIE, SP, NBM, NI e P; correlações positivas moderadas e significativas com as dimensões AFR, RD, EF e CE; e uma correlação positiva fraca e significativa com a dimensão ESV ou seja, os jovens que relatam maior FS percebem mais positivamente estas dimensões de avaliação da qualidade do contexto de AR.

“Inserir tabela 3”

3. Discussão

3.1. BEP e FS nos jovens em AR

Dado que o BEP e a FS apresentam resultados semelhantes nas dimensões avaliadas e que estes dois conceitos não podem ser interpretados de forma dissonante um

do outro, uma vez que a felicidade pode ser considerada uma das componentes do BEP, a discussão dos seus resultados será realizada em conjunto.

Os resultados deste estudo demonstram que os jovens em AR apresentam níveis de bem-estar e de felicidade semelhantes aos da população geral encontrados por Pais-Ribeiro & Cummins (2008) para o BEP e por Pais-Ribeiro (2012) para a FS.

Estes resultados parecem indicar que os jovens em acolhimento estão satisfeitos e sentem-se felizes. O acolhimento revela ser, de acordo com a própria percepção dos jovens, de boa qualidade, uma vez que sentem as suas necessidades respondidas, apresentando BEP e FS semelhantes aos jovens que não estão em AR. Estes, resultados diferem, no entanto, dos apresentados na literatura que indicam níveis bem-estar mais baixos para os jovens em AR, uma vez que jovens em AR tendem a referir menor satisfação com diversos domínios da vida (e.g., relações sociais, lazer) (Dinisman et al., 2012) e experienciar elevada instabilidade nas suas vidas (e.g., mudanças nos cuidados, de casa, escola), o que parece ter um impacto negativo no seu bem-estar (e.g., Dinisman et al., 2012; Murphey et al., 2012).

Os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas em relação à variável sexo, sendo que jovens do sexo masculino têm níveis de bem-estar e de felicidade mais elevados do que as jovens do sexo feminino. Estes resultados estão em consonância com outros estudos que relatam níveis mais baixos de bem-estar e felicidade nas raparigas, (Llosada-Gitsau et al., 2015; Poletto & Koller, 2011) e pode dever-se ao facto destas tenderem a experienciar níveis mais extremados de bem-estar, ou muito altos ou muito baixos (Dinner et al., 1999), vivenciarem, sobretudo durante a adolescência, mais momentos negativos do que positivos e serem mais exigentes nas suas avaliações (e.g. Barros, 2010).

Verificaram-se também diferenças estatisticamente significativas entre os níveis de bem-estar e de felicidade entre jovens acolhidos e a dimensão das casas (pequena, média e grande), sabendo que os jovens acolhidos em casas de pequena dimensão, obtiveram melhores níveis de bem-estar e de felicidade do que os jovens acolhidos em casas de média dimensão e que os jovens em casas de grande dimensão obtiveram melhores níveis de bem-estar do que os jovens acolhidos em casas de média dimensão.

Os níveis significativamente mais elevados de BEP e FS relatados pelos jovens acolhidos em casas de pequena dimensão são consistentes com os estudos que associam estas casa de tipo familiar a maior bem-estar e a resultados positivos (e.g., Delap, 2011; Johnson et al., 2006), já que possibilitam que maior atenção e suporte sejam direcionados

às crianças/jovens (Ainsworth, & Hansen, 2005; Southwell, & Fraser, 2010). Estas casas são consideradas de maior qualidade tendo em conta todas as interações desenvolvidas no seu seio, como cuidados estáveis e consistentes, experiências positivas e individualizadas ou criação de relações de afeto com os cuidadores. (Anglin, 2004; Delap, 2011; Van IJzendoorn, et al, 2011).

Porém, as diferenças que se encontram no BEP e na FS no que diz respeito à dimensão das casas não se verificam entre casas de pequena e casas de grande dimensão, facto que é de ressaltar, uma vez que seria esperado que os jovens reportassem níveis mais baixos de bem-estar e felicidade quando estão acolhidos em casas de grande dimensão devido a fatores como, a despersonalização dos espaços, os cuidados pouco individualizados, o menor rácio cuidador/criança (e.g., Delap, 2011; Johnson et al., 2006).

No entanto poderão existir fatores que expliquem estes resultados na nossa amostra. A explicação mais lógica é o efeito da variável sexo se sobrepor ao efeito das outras variáveis. Das três casas de pequena dimensão duas são masculinas e uma é mista, a casa de média dimensão é segregada feminina e a casa de grande dimensão é segregada masculina, o que indica que a maioria dos rapazes estão em casas pequenas ou de grande dimensão e as raparigas estão todas numa casa de média dimensão. Facto que demonstra que nas casas pequenas e grandes não temos raparigas para contrabalançar este resultado, sendo este definido apenas pelo sexo masculino.

Neste estudo verificou-se ainda que a idade não tem qualquer correlação com o bem-estar ou com a felicidade dos jovens, mas que o tempo de acolhimento tem uma correlação positiva e estatisticamente significativa com a felicidade dos jovens, ou seja, quando mais tempo estão na casa, mais elevados são os seus níveis de felicidade.

Este dado é consistente com outros estudos que encontraram, em jovens em acolhimento, uma associação positiva entre a satisfação com a vida, uma das componentes do bem-estar pessoal, e o tempo de acolhimento (e.g. Gilman, & Barry, 2003) e relatos de melhoria no seu bem-estar, felicidade e na perceção que têm das suas vidas desde o acolhimento e ao longo do tempo (Southwell, & Fraser, 2010), indicando um aumento da qualidade de vida percebida pelos jovens em AR e o seu desenvolvimento positivo.

3.2. Perceção dos jovens relativamente às dimensões de avaliação de qualidade do contexto de acolhimento residencial

Os valores atribuídos às dimensões do AR encontram-se acima do ponto 3.5, sendo as dimensões AFR, RD, NBM, EF, SEV e CE as mais bem avaliadas e as dimensões LIE,SP, NI e P a apresentarem valores ligeiramente mais baixos. Estes resultados estão em consonância com outros estudos que indicam uma perspetiva positiva das crianças em AR em relação a inúmeros fatores do contexto de acolhimento (Carvalho, & Manita, 2010; Southwell, & Fraser, 2010).

Em relação à avaliação global do contentamento com o AR, a percentagem de jovens que indicaram estar globalmente contentes com o acolhimento na resposta atual (39.3%) é mais elevada do que aqueles que mencionaram estar mais ou menos contentes (32.8%) e aos que referiram não estar contentes com o acolhimento (24.6%), sendo estes resultados referidos noutros estudos (e.g., Del Valle, & Casas, 2002).

Verificou-se, ainda, que os rapazes tendem a perceber de forma mais positiva a Qualidade do AR do que as raparigas. É de salientar que os resultados obtidos não convergem com outros estudos que referem maior satisfação nas raparigas em relação à Qualidade do AR (e.g., Bravo, & Del Valle, 2001). Contudo, o resultado obtido no presente estudo tem de ser analisado com cautela, uma vez que a distribuição segundo a variável sexo e segundo a variável dimensão da amostra estão significativamente associadas.

Acresce que os resultados deste estudo apontam para uma melhor avaliação da QT da casa quando os jovens estão acolhidos em CA de pequena dimensão, comparativamente aqueles que se encontram acolhidos em casas de média ou grande dimensão. Estes resultados são consonantes com a literatura, uma vez que o AR de grande dimensão e muitas vezes um rácio diminuto de cuidadores poderá causar grande impacto no funcionamento residencial e nas perspetivas dos jovens em relação às várias dimensões do AR (Carvalho, & Manita, 2010).

3.3. Relação entre BEP e FS e a perceção dos jovens sobre as dimensões de avaliação da qualidade do contexto de AR

Na leitura dos resultados que relacionam os níveis de BEP e FS com a perceção sobre as dimensões do contexto de AR, verificou-se que os jovens que relatam maior bem-estar e felicidade percebem mais positivamente todas as dimensões do AR avaliadas,

sobretudo as dimensões SP e NBM, onde se obtiveram índices de correlação mais elevados tanto no BEP como na FS.

Após revisão da literatura, verificou-se que não foram encontrados estudos que observem a relação entre estas variáveis. Contudo, são referidos dados que associam algumas das dimensões do contexto de AR a resultados mais favoráveis dos jovens em acolhimento. Além disso, é mencionado o consenso existente na literatura na relação entre os vários padrões de funcionamento de AR avaliados pelos jovens acolhidos e resultados desenvolvimentais positivos (e.g., Mota, & Matos, 2010; Van IJzendoorn, et al., 2011).

Nestas dimensões estão incluídos alguns fatores dos contextos de AR referidos como indicação de maior qualidade, que quando associados à intervenção residencial, mencionam resultados favoráveis nos jovens acolhidos (Van IJzendoorn, et al., 2011).

As correlações positivas e significativas entre o BEP e a FS e a dimensão SP, é consonante com os resultados encontrados por estudos que indicam a importância das interações dos cuidadores e a qualidade dos cuidados prestados, no sentido em que ajuda a ultrapassar, o sofrimento causado pelas experiências negativas vivenciadas (e.g., Clough et al., 2006), influenciando, assim resultados desenvolvimentais positivos (Mota, & Matos, 2010; Van IJzendoorn, et al., 2011).

Também a dimensão NBM está positiva e significativamente associada ao bem-estar e à felicidade destes jovens, uma vez que face às condições anteriores adversas vivenciadas no seio familiar, a perceção dos jovens em relação as suas condições básicas de vida e materiais poderá ter melhorado (Carvalho, & Manita, 2010), e por isso avaliarem mais positivamente esta dimensão.

A correlação forte e estatisticamente significativa encontrada entre a dimensão RD e o bem-estar pessoal revela a importância que os jovens atribuem à preservação dos seus direitos (e.g., individualidade, confidencialidade, explicação motivos do acolhimento) e a perceção positiva que têm sobre esta dimensão do contexto de AR. Esta perceção positiva e o direito à participação, nomeadamente no funcionamento residencial, é convergente com outros estudos que referenciam estes indicadores e os associam ao bem-estar das crianças/jovens (e.g., Anglin, 2004; Del Valle et al., 2012).

Verificou-se ainda uma correlação forte e estatisticamente significativa entre as dimensões LIE, NI e P e a FS. A dimensão LIE apresenta este resultado, possivelmente pela perceção do fácil acesso e da integração social em recursos comunitários de interesse e necessários ao desenvolvimento destas crianças/jovens (Delap, 2011), assim como pela perceção de condições habitacionais adequadas à sua segurança e bem-estar.

A dimensão NI, que envolve a integração em recursos e atividades normalizadas na comunidade, assim como uma vivência percebida como próxima à naturalidade da vida familiar (e.g., Del Valle, & Casas, 2002; Del Valle et al., 2012), a qual, se positiva, parece potencialmente promotora de felicidade. Sendo que a aproximação à rotina de uma casa de família e o envolvimento na comunidade (e.g., participação em grupos sociais, escolaridade normalizada) permite também reduzir o estigma do qual estes jovens muitas vezes são alvo.

Por último, o resultado encontrado na dimensão P é explicado pela importância que os jovens atribuem ao seu direito à participação. O direito a expressar livremente o que sentem, a participar na definição do seu projeto de vida (Carvalho & Manita, 2010) e a contribuírem de forma positiva para a gestão e organização da casa é muito valorizado nesta idade, e casas onde exista espaço da parte dos adultos para que os jovens se sintam ouvidos, serão com certeza locais onde estes se sentem felizes. (Carvalho & Manita, 2010).

4. Conclusão

O presente estudo é pioneiro em Portugal ao debruçar-se sobre o BES e a FS dos jovens em AR e sua relação com a percepção da qualidade do AR. Na revisão bibliográfica encontraram-se poucos estudos que relacionassem o bem-estar e felicidade dos jovens em AR às variáveis da qualidade do acolhimento.

Este estudo envolveu a recolha e análise de dados sobre diversas dimensões do AR, a partir da avaliação dos jovens, permitindo aceder às suas percepções e experiências subjetivas em AR, revelando-se um importante contributo e evidenciando os benefícios de recorrer à visão e à voz dos jovens neste contexto. Considera-se, pois, que devem ser realizados esforços e estimulada a contínua participação e valorização da voz dos jovens no funcionamento das CA, contribuindo deste modo para a melhoria dos serviços de que são alvo.

Como primeira conclusão, salienta-se os resultados obtidos no bem-estar e na felicidade destes jovens que se encontram muito próximos dos níveis obtido na população geral, o que pode ser indicador de alguma estabilidade no acolhimento.

Sublinha-se o nível superior de bem-estar e felicidade dos jovens acolhidos em CA de pequena dimensão e a perceção mais positiva sobre todas as dimensões do AR avaliadas pelos jovens acolhidos nestas CA, em relação àqueles acolhidos nas de média e grande dimensão.

A idade não parece correlacionar-se com o bem-estar nem com a felicidade dos jovens. O tempo de acolhimento é um indicador de felicidade, uma vez que quanto mais tempo os jovens estão acolhidos, maiores parecem ser os níveis de felicidade, o que poderá ser explicado pelas relações criadas dentro das CA ou por uma certa acomodação e reequacionar de expectativas em relação à CA.

Os resultados obtidos apoiam a pertinência de se considerar o desenvolvimento destes jovens como consequência das interações dinâmicas e contínuas entre estes e as experiências consideradas de qualidade proporcionadas pelo contexto de AR, tal como defende Bronfenbrenner (2001) ao enfatizar o papel da qualidade dos contextos de vida no desenvolvimento positivo das crianças/jovens.

Os resultados encontrados no presente estudo acrescentam algum conhecimento sobre o AR, o BEP e a FS dos jovens em AR, mas devem ser interpretados com precaução, pelas limitações inerentes a um estudo piloto.

Uma limitação importante refere-se à reduzida dimensão e distribuição da amostra (em número de jovens e de CA participantes), não permitindo a generalização dos resultados. As CA participantes, pelas suas características particulares, não são representativas da totalidade das CA em Portugal, nem de toda a população acolhida. Outro fator limitador da generalização dos resultados é a não distribuição equitativa dos participantes em função do género, dimensão e tipologia das casas.

Apesar do recurso a uma entrevista semiestruturada para a recolha de dados, a análise realizada limitou-se aos resultados quantitativos, não considerando dados qualitativos. A recolha de dados efetuou-se junto de uma única fonte de informação, valorizando a voz do jovens em acolhimento. Contudo, seria importante reter outras fontes nas CA, o que poderia contribuir para diminuir o enviesamento nas medidas de autorrelato, particularmente na avaliação das dimensões da qualidade do AR.

Uma outra limitação deste estudo passa pela possibilidade das respostas ao IBP e à EFS refletirem desejabilidade social, dado que, segundo Santana & Fernandes (2011), crianças/jovens em situações de vida complexas, quando envolvidos em dinâmicas tradicionais de investigação tendem a fornecer respostas socialmente esperadas.

Tendo em consideração os resultados e as conclusões retiradas deste estudo, apesar das suas limitações já descritas, foi possível verificar a importância da representatividade

das amostras para a generalização dos resultados e para a garantia de medidas de consistência interna que permitam avaliar todas as dimensões da qualidade e a utilização de instrumentos de avaliação, validados na população geral, para avaliar a população que vive em AR, permitindo a comparação desta população à realidade encontrada na população geral.

Este estudo pode, ainda, posicionar-se como um contributo para o desenvolvimento, melhoria e mudança das políticas sociais no contexto de AR, pois estas devem ser construídas e modificadas tendo por base a evidência empírica oferecida pela investigação.

Um contexto de AR de qualidade deverá proporcionar um ambiente estruturado e responsivo, com as condições necessárias para a prestação de cuidados e para práticas de intervenção normalizadoras, educativas e terapêuticas. Todo o funcionamento das CA deve ir no sentido de satisfazer as necessidades dos jovens acolhidos, da sua proteção e resiliência, revelando-se como um fator protetor e minimizador do impacto das inúmeras adversidades que estes jovens enfrentam e impondo-se como um contexto promotor do desenvolvimento. Fazendo, assim, uso de uma verdadeira medida de proteção e promoção dos direitos das crianças/jovens em risco, dos seus objetivos, bem-estar, felicidade e desenvolvimento harmonioso.

A concretização deste objetivo passa pela condução de investigação que identifique os fatores determinantes da qualidade do AR utilizando uma amostra representativa da realidade nacional, para que se possa generalizar os seus resultados à população de CA em Portugal.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, F., & Hansen, P. (2005). A dream come true: No more residential care. A corrective note. *International Journal of Social Welfare*, 14, 195-199. doi: 10.1111/j.1468-2397.2005.00359.x .
- Almeida, S., & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*, (5ªed). Braga: Psiquilibrios Edições.
- Anglin, J. (2004). Creating “well-functioning” residential care and defining its place in a system of care. *Child & Youth Care Forum*, 33(3), 175-192. doi:10.1023/B:CCAR.0000029689.70611.0f.
- Barros, J. (2010). *Psicologia positiva - uma nova psicologia*. Porto: LivPsic.
- Bourke, L., & Geldens, P. (2007). Subjective wellbeing and its meaning for young people in a rural Australian center. *Social Indicators Research*, 82, 165-187. doi: 10.1007/s11205-006-9031-0.
- Bravo, A. B., & Del Valle, J. F. (2001). Evaluación de la integración social en acogimiento residencial. *Psicothema*, 13 (2), 197-204.
- Bravo, A., & Del Valle, J. F. (2009). Crisis y revisión del acogimiento residencial. Su papel en la protección infantil. *Papeles del Psicólogo*, 30 (1), 42-52. Disponível em: <http://www.papelesdelpsicologo.es/pdf/1655.pdf>.
- Bronfenbrenner, U. (2001). The bioecological theory of human development. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (eds.), *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences* (vol. 10, pp. 6963-6970). New York: Elsevier.
- Calheiros, M., Lopes, D., & Patrício, J. (2011). Assessment of the needs of youth in residential care: Development and validation of an instrument. *Children and Youth Services Review*, 33, pp. 1930-1938. doi: 10.1016/j.childyouth.2011.05.020
- Carvalho, T. & Manita, C. (2010) Perceções de crianças e adolescentes institucionalizados sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A.T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio, & M. C. Taveira (Eds.). *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 3326-3335). Universidade do Minho. Braga.

- Clough, R., Bullock, R., & Ward, A. (2006). *What works in residential child care: A review of research evidence and the practical considerations*. London: National Children's Bureau.
- Convenção Sobre os Direitos da Criança. Resolução da Assembleia da República, no 20/90. D.R. no 211, 1a Série, 12 de Setembro de 1990.
- Cummins, R., & Nistico, H. (2002). Maintaining life satisfaction: the role of positive cognitive bias. *Journal of Happiness Studies*, 3, 37–6.
- Del Valle, J. F. (1992). Evaluación de programas residenciales de servicios sociales para la infancia. Situación actual y aportaciones de los enfoques ecopsicológicos. *Psicothema*, 4 (2), 531-542.
- Del Valle, J. F. (1997). Evaluación de programas de acogimiento residencial. *Bienestar y Protección Infantil*, 3, 48-76.
- Del Valle, J. F. (2009). Evaluación de programas en acogimiento residencial. In A. Bravo, & J.F. Del Valle (Coords.). *Intervención socioeducativa en acogimiento residencial* (pp.11-24). Santander: Gobierno de Cantabria, Colección documentos técnicos.
- Del Valle, J. F., Bravo, A., Hernández, M., & Santos, I. (2012). *EQUAR: Estándares de calidad en acogimiento residencial*. Madrid: Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad.
- Del Valle, J. F., & Casas, F. (2002). Child residential care in the Spanish social protection system. *International Journal of Child & Family Welfare*. 5(3), 112- 128.
- Del Valle, J.F. & Zurita, J. F. (1996): La evaluación en programas residenciales de protección de menores: una propuesta metodológica. *En IV Jornadas de Intervención Social* (pp.1271-1278). Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales.
- Del Valle, J. F., & Zurita, J. F. (2000). *El Acogimiento residencial en la protección a la infancia*. Madrid: Pirámide.
- Delap, E. (2011). *Scaling down: Reducing, reshaping and improving residential care around the world* (pp. 1-43). London: EveryChild.
- Diener, E. (2006). Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being. *Applied Research in Quality of Life*, 1, 151 – 157. doi:10.1007/s11482-006-9007-x.
- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). *Recent findings on subjective well-being*. University of Illinois.

- Diener, E., Suh, E., Lucas, R., & Smith, H.L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, *125*, 276-302. doi: 10.1037/0033-2909.125.2.276.
- Dinisman T., Montserrat C. & Casas F. (2012). The subjective well-being of Spanish adolescents: Variations according to different living arrangements. *Children and Youth Services Review*, *34*, 2374 – 2380. doi: 10.1016/j.childyouth.2012.09.005.
- Galinha, I. & Pais- Ribeiro, J. (2005) História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, *6* (2), 203-214.
- Gilman, R., & Barry, J. (2003). Life satisfaction and social desirability among adolescents in a residential treatment setting: Changes across time. *Residential Treatment for Children and Youth*, *21*, 19-42.
- Iglésias, J. (2013). *Bem-estar subjetivo de jovens em acolhimento residencial: impacto das variáveis do contexto. Estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Instituto da Segurança Social, IP. (2015). *CASA 2014 - Relatório de Caracterização Anual da Situação do Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: ISS, IP.
- Johnson, R., Browne, K., & Hamilton-Giachritsis, C. (2006). Young children in institutional care at risk of harm. *Trauma Violence Abuse*, *7* (34), 34-60. doi: 10.1177/1524838005283696.
- Kline, R. (2005). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (2nd ed.). New York: Guilford.
- Larson, R. (2000). Toward a psychology of positive youth development. *American Psychologist*, *55* (1), 170-183. doi: 10.1037//0003-066X,55.1.170.
- Lei nº 142/15, de 8 de Setembro - Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. Diário da República. Lisboa: Diário da República.
- Llosada-Gistau J., Montserrat C. & Casas F. (2015). The subjective well-being of adolescents in residential care compared to that of the general population. *Children and Youth Services Review*, *52*, 150 – 157. doi:10.1016/j.childyouth.2014.11.007.
- Lucas, R., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, *71*, 616-628.
- Lyubomirsky, S., & Lepper, H. (1999). A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. *Social Indicators Research*, *46*, 137 – 155.

- Maurović I., Križanić V. & Klasić P. (2014). From risk to happiness: the resilience of adolescents in residential care. *Kriminologija & socijalna integracija*, 22 (2), 25-48.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios.
- Mota, C., & Matos, P. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (28), 245-254. doi: 10.14417/ap.278.
- Murphey, D., Bandy, T., & Moore, K. (2012). *Frequent residential mobility and young children's well-being*. Washington, DC: Child Trends.
- Novo, R. (2003). *Para Além da Eudaimonia – O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Pais-Ribeiro, J. (2012). Validação transcultural da escala de Felicidade Subjetiva de Lyubomirsky e Lepper. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13 (2), 157-168.
- Pais-Ribeiro, J., & Cummins, R. (2008) O bem-estar pessoal: estudo de validação da versão portuguesa da escala. In: I.Leal, J.Pais-Ribeiro, I. Silva & S.Marques (Edts.). *Actas do 7º congresso nacional de psicologia da saúde*, 505-508. Lisboa: ISPA.
- Poletto M. & Koller S. (2011) Subjective Well-Being in Socially Vulnerable Children and Adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (3), 476-484.
- Rodrigues, S. (2015). *Eu e a minha casa: qualidade do acolhimento residencial, ajustamento psicológico e satisfação com a vida em adolescentes acolhidos*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Rodrigues, S., Barbosa-Ducharne, M., & Del Valle, J.F. (2013). La calidad del acogimiento residencial en Portugal y el ejemplo de la evolución española. *Papeles del Psicólogo*, 34 (1), 11-22.
- Rodrigues, S., Barbosa-Ducharne, M. & Del Valle, J. F. (2014) Quality of residential care system of children in Portugal: Preliminary results from a comprehensive assessment. In C. Pracana (ed.), *InPact International Psychological Applications Conference and Trends 2014 Proceedings* (pp. 36-40). Porto: InPact.

- Rodrigues, S. Barbosa-Ducharne, M., & Del Valle, J. F. (2015). ARQUA-P: Sistema Compreensivo de Avaliação da Qualidade do Acolhimento Residencial Português©. Registo 2650/2015. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Inspeção-Geral das Atividades Culturais - Direção de Serviços de Propriedade Intelectual.
- Ryff, C. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-Being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57 (6), 1069-1081. doi: org/10.1037/0022-3514.57.6.1069.
- Santana, J., & Fernandes, N. (2011). Pesquisas participativas com crianças em situação de risco e vulnerabilidade: possibilidades e limites. In Atas do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais.
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15479/1/PESQUISAS%20PARTICIPATIVAS%20COM%20CRIAN%C3%87AS.pdf>.
- Sariçam H. (2015). Subjective happiness and hope. *Universitas Psychologica*, 14 (2), 685-694. doi:10.11144/Javeriana.upsy14-1.shah.
- Seligman, M., Steen, T., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive psychology progress: Empirical validation of interventions. *American Psychologist*, 60 (5): 410-421. doi: 10.1037/0003-066X.60.5.410.
- Silva, I. (2013). *Relação entre satisfação profissional, felicidade e saúde mental*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia. Universidade Católica Portuguesa, Braga.
- Simões, M. (2011). Crianças e jovens em perigo: Cuidado e responsabilidade no acolhimento institucional. In T. S. Pereira, & G. Oliveira (Coord.), *Cuidado e Responsabilidade* (pp. 202-221). S. Paulo: Editora Atlas.
- Sirgy, M. (2002). *The Psychology of Quality of Life*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Southwell, J., & Fraser, E. (2010). Young people's satisfaction with residential care: Identifying strengths and weaknesses in service delivery. *Child Welfare*, 89 (2), 209-228.
- Uusitalo-Malmivaara L. & Lehto J. (2013). Social factors explaining children's subjective happiness and depressive symptoms. *Social Indicators Research*, 111, 603-615. doi: 10.1007/s11205-012-0022-z.
- Van IJzendoorn, M., Palacios, J., Sonuga-Barke, E., Gunnar, M., Vorria, P., Mc Call, R. & Juffer, F. (2011). Children in institutional care: Delayed development and

resilience. In R. B. Mc Call, M. van IJzendoorn, F. Juffer, C. J. Groark, & V. K. Groza (Eds.). *Children without permanent parents: Research, practice and policy. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 311, 76, 4, 8-30. doi: 10.1111/j.1540-5834.2011.00626.x.

Quadro 1.

Descrição das 12 dimensões que integram o instrumento ARQUA-P.

Dimensões ARQUA-P	Descrição
Localização, Recursos e Equipamento (LIE)	Proximidade de recursos comunitários necessários para satisfazer as necessidades das crianças e jovens e avaliação da qualidade dos equipamentos (acolhedores e semelhantes a uma residência familiar).
Encaminhamento, Receção/Admissão (ERA)	É avaliado o protocolo de receção e integração da criança, com o envolvimento dos profissionais, menores e respetivas famílias.
Apoio à Família para a Reunificação (AFR)	Avalia o trabalho desenvolvido com as famílias dos jovens acolhidos, favorecendo a sua participação no sentido de melhorar a convivência familiar.
Segurança e Proteção (SP)	Tem como objetivo avaliar o ambiente seguro e protetor, promotor de convivência tranquila, vinculações/ligações afetivas e de suporte com os adultos e pares.
Respeito pelos Direitos (RD)	Avalia o respeito por todos os direitos das crianças e famílias, nomeadamente a privacidade, a proteção da intimidade e confidencialidade, o trato afetuoso e o respeito pela identidade
Necessidades Básicas Materiais (NBM)	Pretende avaliar a satisfação de todas as necessidades básicas e materiais – alimentação, dinheiro de bolso, escolha da própria roupa, entre outros – tendo por base critérios de normalização.
Estudos e Formação (EF)	Avalia a integração escolar e formativa adequada à idade e interesses, apoio ao rendimento escolar e superação de dificuldades específicas.
Saúde e Estilos de Vida (SEV)	Avalia a assistência adequada à saúde e educação para estilos de vida saudáveis.
Normalização e Integração (NI)	São avaliadas as experiências quotidianas e rotinas, as quais devem ser semelhantes a um ambiente familiar, incluindo a integração nos recursos da comunidade, visitas, atividades, materiais de entretenimento, flexibilidade de horários.
Desenvolvimento e Autonomia (DA)	Avalia a potencialização de competências para a autonomia através das rotinas, ritmos e atividades.
Participação (P)	É avaliado o direito das crianças participarem e expressarem as suas perspetivas relativamente às decisões que lhes concernem.
Uso de Consequências Educativas (CE)	Avalia se as práticas educativas são adequadas e consistentes, com base no reforço positivo dos comportamentos adequados e em consequências construtivas em caso de condutas menos adequadas.

Tabela 1.

Estatística descritiva: Variáveis relativas à percepção dos jovens sobre as várias dimensões do contexto de AR avaliadas (n = 61)

Dimensões ARQUA-P	Crianças/Jovens		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min-Max.</i>
LIE	3.87	.78	1.86-5.00
AFR	3.99	1.21	1.00-5.00
SP	3.77	.92	1.42-5.00
RD	4.20	.75	2.00-5.00
NBM	3.99	.82	1.57-5.00
EF	4.45	.79	1.67-5.00
SEV	4.19	1.03	1.00-5.00
NI	3.70	.84	2.00-5.00
P	3.83	.96	1.33-5.00
CE	4.16	.80	2.20-5.00
Qualidade Total	3.98	.67	2.17-4.95

Tabela 2.

Diferenças entre os participantes do sexo feminino e masculino ao nível da percepção sobre as várias dimensões do acolhimento residencial nas quais se evidenciaram diferenças significativas (n=59)

Dimensões ARQUA-P	Sexo Feminino (n = 22) Média (DP)	Sexo Masculino (n = 37) Média (DP)	F (10,37)	p	η^2
LIE	3.34 (.69)	4.15 (.69)	16.45	.000	.26
AFR	3.42 (1.20)	4.34 (1.10)	6.78	.012	.13
SP	3.08 (.81)	4.12 (.77)	15.63	.000	.25
RD	3.77 (.72)	4.41 (.67)	8.58	.005	.16
NBM	3.38 (.80)	4.31 (.64)	18.25	.000	.28
EF	4.02 (.87)	4.66 (.65)	7.31	.010	.14
NI	3.22 (.66)	3.95 (.82)	13.16	.001	.22
P	3.18 (.83)	4.16 (.85)	19.97	.000	.30
CE	4.16 (.85)	4.49 (.62)	22.65	.000	.33

Tabela 3.

Relação entre o bem-estar pessoal, a felicidade subjetiva e a percepção sobre as dimensões do contexto de AR (Correlação de Pearson (r))

	LIE	AR	SP	RD	NBM	EF	SEV	NI	P	CE	Qualidade total
Bem-estar pessoal	.45***	.46**	.56***	.50***	.50***	.28*	.23*	.46***	.39*	.31*	.55***
Felicidade subjetiva	.51***	.42*	.58***	.47***	.61***	.36*	.29*	.56***	.50***	.41*	.61***

p < .05; **p < .01; *p < .001*